

ENSINO DE MATEMÁTICA: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS SURDAS A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL

DANIEL DUARTE SILVEIRA¹; DIOGO FRANCO RIOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – danielufpel2015@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riosdf@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Educação Matemática passou por grandes mudanças. No decorrer deste processo histórico-filosófico-social, os documentos escritos foram instrumentos utilizados como forma de registro de uma perspectiva do acontecido. Nesse sentido, no Brasil, um grupo denominado GHOEM - Grupo de História Oral e Educação Matemática, criado em 2002, utiliza uma compreensão particular sobre historiografia a qual fundamenta os trabalhos realizados pelo grupo fazendo uso da História Oral como metodologia na História da Educação Matemática (GARNICA, 2013). Os trabalhos desenvolvidos neste viés apresentam grande relevância, afinal, “A entrevista de História oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc.” (ALBERTI *apud* VARELA, 2014).

Além disso, na História oral, há ênfase aos discursos de sujeitos que possuem experiências que passaram despercebidas nos registros oficiais como, por exemplo, o caso dos indivíduos surdos, por utilizarem uma língua minoritária que por mais de cem anos foi proibida tanto no processo de comunicação como de educação (PEREIRA, 2011). Aliás, a Língua Brasileira de Sinais Libras (língua da comunidade surda brasileira) foi reconhecida apenas no ano de 2002, pela Lei nº 10436 e regulamentada pelo Decreto nº 5626 do ano de 2005. Nesse sentido, trabalhos como o de LUCHESI (2003) são pioneiros, pois abriram espaço para que sujeitos surdos possam mostrar através de suas histórias novas perspectivas da realidade acontecida.

Dessa forma, este resumo apresenta a análise dos resultados de um projeto piloto desenvolvido com o intuito de experimentar a metodologia da História oral com entrevistados surdos para complementar a História da Educação Matemática, pois dá centralidade as experiências de alunos surdos no processo de escolarização matemática. As experiências serão tema da dissertação de Mestrado a qual será defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho baseou-se, a luz da História oral, na realização da análise das narrativas produzidas no ano de 2012 na qual três surdos usuários da Libras responderam a seguinte pergunta: *Como foram suas vivências/experiências nas aulas de matemática?*

Este material foi utilizado em uma pesquisa piloto para treinar o método que será utilizado na dissertação envolvendo História oral e Narrativa em Libras. Nas entrevistas, os sujeitos relataram suas memórias sobre o processo de escolarização as quais foram registradas em vídeos que posteriormente passaram pelo processo de Tradução/Transcrição (Língua de Sinais para a

Língua Portuguesa). Cabe ressaltar que as línguas citadas, apesar de serem utilizadas no mesmo território geográfico, são distintas em relação aos aspectos linguísticos, além de apresentarem modalidades de comunicação diferentes, sendo a Libras visual-espacial, ou seja, utiliza-se do canal visual e do espaço de sinalização e a língua portuguesa do canal oral-auditivo.

A Tradução/Transcrição de cada entrevista rendeu cerca de duas páginas de texto em Língua Portuguesa e após este processo, os textos foram revisados e autorizados pelos entrevistados, que também permitiram a utilização de seus nomes como narradores das vivências: Daniel Romeu, Francielle Cantarelli e Fabiano Rosa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos as narrativas, três pontos foram selecionados como norteadores para esta discussão: 1) As escolas – o estudo em escolas de surdos ou escolas inclusivas; 2) A comunicação utilizada nas aulas de matemática; 3) Como ocorreu o processo de aprendizagem destes alunos nas aulas de matemática.

Logo no primeiro tema de discussão, é visível a diferença em relação às escolas, pois Francielle sempre estudou em escolas de inclusão, porém nem sempre na mesma cidade. Fabiano, assim como Francielle, estudou em escolas de inclusão, sendo uma delas da rede particular. Já Daniel, durante sua trajetória escolar, mudou várias vezes de escola (estudou em escolas de surdos e escolas de inclusão). É importante ressaltar que os entrevistados não foram colegas no período da educação básica e que as escolas nas quais eles estudaram, em certos períodos, foram também em regiões brasileiras diferentes.

Além disso, nas narrativas feitas pelos três entrevistados, há um consenso: no período em que estudaram nas escolas de inclusão não tiveram a oportunidade de compartilhar a companhia de outros colegas surdos. Daniel e Francielle relataram ainda que nestes locais encontravam dificuldade na comunicação com os professores de Matemática, uma vez que alguns professores desconheciam a Língua Brasileira de Sinais. Por conseguinte, os docentes adotavam posturas que dificultavam o processo de aprendizagem como, por exemplo, falar virado para o quadro negro, de costas para a turma.

Francielle relatou ainda que no período referente ao Ensino Médio, quando cursou o Magistério em uma escola de inclusão, teve a oportunidade de ter aulas de Matemática com um professor que sabia a Língua Brasileira de Sinais e, portanto, foi neste momento que começou a entender o significado da matemática. Assim com Francielle, Daniel teve aulas de matemática com um professor que era bilíngue quando mudou-se para uma escola de surdos em Porto Alegre-RS, fato que contribuiu para sua aprendizagem. Fabiano – entrevistado que estudou em escolas inclusivas – não relatou dificuldade de comunicação com os professores, apenas narrou que possuía quatro professores de Matemática em cada série do Ensino Médio e todos os professores sabiam que ele era surdo.

Em relação às aulas de Matemática, Francielle contou que no Ensino Fundamental ela possuía bastante dificuldade, o que resultou em fazer recuperação nesta disciplina várias vezes. Porém no Magistério/Ensino Médio foi diferente uma vez que mesmo a escola oferecendo o serviço de tradução/interpretação de Libras, não foi necessária a interpretação nas aulas de matemática, pois o professor sabia sua língua, realizando explicações diretamente para ela.

Por outro lado, Fabiano relatou que nunca teve problemas com matemática, sempre obteve notas altas e adorava as expressões numéricas. Ele também relatou que a parte numérica da matemática é bastante visual e, por isso, tinha mais facilidade do que com outras disciplinas como a Língua Portuguesa, História e Geografia nas quais seus professores ficavam apenas falando. Daniel contou que durante seu processo de escolarização no Ensino Médio participou de um supletivo e teve aula de Matemática apenas com explicações orais, algo que o deixou sem compreender nada o que o fez procurar professores particulares de matemática para conseguir aprovação. Mesmo assim, Daniel sentiu dificuldade, pois o professor particular não sabia Língua Brasileira de Sinais.

A partir destes fatos, podemos constatar o seguinte: as experiências dos entrevistados nem sempre foram semelhantes, mas há situações que apresentam unanimidade em todas as narrativas, como é o caso da importância da Língua Brasileira de Sinais no processo de escolarização matemática. Cabe ressaltar que os três entrevistados atualmente são professores em Universidades Federais distintas, situadas no sul do Rio Grande do Sul, com isso pode-se concluir que eles obtiveram êxito nessa trajetória.

4. CONCLUSÕES

Em suma, a análise do projeto piloto realizada neste resumo sobre as memórias de sujeitos surdos, especificamente na narração de suas experiências matemáticas, indicam o potencial deste trabalho em refletir a respeito deste assunto na área da Educação Matemática, baseando-se nas perspectivas dos alunos surdos. Desta forma, o trabalho de dissertação abordará elementos mais aprofundados deste processo a fim de contribuir como a história da Educação Matemática a partir de uma nova perspectiva do acontecido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Decreto nº 5626. **Decreto de Libras**. Presidência da República – Casa Civil, 22 dez. 2005. Acessado em 10 jun. 2015. Online. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

GARNICA, A. V. M. Sobre Historiografia: Fragmentos para compor um discurso. **REMATEC**, Natal (RN) Ano 8, n. 12, p. 51-65, 2013.

Lei nº 10436. **Lei de Libras**. Presidência da República – Casa Civil, 24 abr. 2002. Acessado em 10 jun. 2015. Online. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm

LUCHESI, M. R. C. **Educação de pessoas surdas: Experiências vividas, histórias narradas**. Campinas, SP: Papirus 2003.

MARTINS, F. C. Entrevista. Pelotas: RS, 12 nov. 2012.

PEREIRA, M. C. da C. (Org.) **Libras: conhecimento além dos sinais**. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

ROMEY, D. L. Entrevista. Pelotas: RS, 20 nov. 2012.

ROSA, F. S. Entrevista. Pelotas: RS, 12 nov. 2012.

VARELA, S. M. B. **Aspectos históricos sobre a formação e a atuação de professores de matemática do município de Cascavel (PR)**. 2014. 388f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná.